

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v12.n27.07>

## **A representação da mulher e da maternidade negra em “Sabina”, de Machado de Assis**

*The representation of black women and motherhood in “Sabina”, by Machado de Assis*

**Denise Lima Santiago Figueiredo\***

**Paulo Roberto Alves dos Santos\*\***

### **Resumo**

A contemporaneidade traz epistemologias que visibilizam a discussão em torno de literaturas que foram universalizadas sob um aspecto ideológico, que disseminavam representações centradas em interesses hegemônicos. A mulher negra encontrou, nesse âmbito literário, configurações que assentissem o estereótipo perpetrado pela sociedade patriarcal: ora a mulata hipersensualizada, pronta para o sexo, ora a negra subserviente, mantenedora da eurodescendência. Assim, faz-se necessário vislumbrar obras que, mesmo amplamente estudadas, ainda guardam perspectivas que podem ser observadas por saberes como o feminismo voltado para especificidades das mulheres negras. Para tanto, neste artigo, Machado de Assis é retomado a partir de uma interpretação diametralmente colocada, com aportes teóricos que postulam uma literatura afro-brasileira, os quais visibilizam a perspectiva machadiana direcionada à memória de seu tempo, sobretudo em relação ao feminino negro escravizado.

### **Palavras-chave**

Mulher negra. Estudos literários. História da literatura. Literatura afro-brasileira.

### **Abstract**

The contemporaneity brings epistemologies that make possible to discuss around literatures that were universalized under an ideological aspect, that spread representations centered on hegemonic interests. In this literary context, the black woman found configurations that supported the stereotype perpetrated by patriarchal society: sometimes the hypersensualized mulatto, ready for sex, sometimes the subservient black woman, the maintainer of Eurodescendance. Thus, it is necessary to glimpse works that, even overly studied, still hold perspectives that can be observed by knowledge such as feminism focused on specificities of black women. Therefore, in this article, Machado de Assis, universalized as indifferent to ethnic-racial discussions, is resumed from a diametrically placed interpretation, with theoretical

---

\* Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

\*\* Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

contributions that make visible the Machado's gaze directed to the memory of his time, especially in relation to the feminine black enslaved.

### Keywords

Black woman. Literary studies. History of literature. Afro-Brazilian literature.

*Era assim que mãe preta fazia  
criava todo o branco com muita alegria  
Porém lá na sanzala o seu pretinho apanhava  
Mãe preta mais uma lágrima enxugava  
[...]  
Enquanto a chibata batia no seu amor  
Mãe preta embalava o filho branco do sinhô.  
(Caco Velho e Piratini)*

A canção *Mãe preta* (1954), que inicia este texto, chama atenção não apenas pelo lirismo de seus versos, mas por sua história: a portuguesa Amália Rodrigues interessou-se pela criação dos compositores gaúchos Caco Velho (Mateus Nunes) e Piratini (António Amábile), contudo, foi proibida de gravá-la pelo regime ditatorial imposto por Salazar em Portugal<sup>1</sup>. O salazarismo coibia textos que lembravam a escravatura, pois eram considerados subversivos, porque não atendiam ao projeto do governo que pregava um nacionalismo de princípios morais conservadores. Sendo assim, o poeta, David Mourão-Ferreira, escreveu outro texto, intitulado *Barco negro* – a tragédia do pescador, substituindo o flagelo do racismo e da exploração da letra original. Amália tornou a música conhecida mundialmente<sup>2</sup>. A versão, com letra de Caco Velho, só foi gravada por ela em 1978.

Ao falar de exclusão com relação às figuras do homem negro e da mulher negra ao longo da história, se amplia a discussão em torno da compreensão dos mecanismos políticos e sociais que ainda insistem no apagamento de indivíduos que tiveram seus direitos enterrados. Para a mulher negra, a história sempre foi mais cruel:

---

<sup>1</sup> O regime ditatorial vivido em Portugal entre 1933 a 1974 suprimiu todas as liberdades democráticas da República, incluindo não somente a liberdade de imprensa, jornais, rádio e televisão, bem como censura a arte: livros, espetáculos musicais e teatrais, e o cinema. O traço específico da censura à imprensa no Estado Novo foi o seu carácter preventivo, isto é, tratava-se de uma “censura prévia” administrativa exercida por comissões de censura disseminadas pelo país. Este regime considerava-se um Estado de direito e uma Democracia orgânica, declarando-se limitado pelo Direito e pela Moral cristã. Como outros regimes, o Estado Novo português possuía lemas para mostrar a sua ideologia e doutrina, tais como: “Tudo pela Nação, nada contra a Nação” e “Deus, Pátria, Família” (PEREIRA, Ana et al, 2011).

<sup>2</sup> Em ritmo de fado, *Barco negro* alcançou várias gerações musicais e figura como símbolo da música portuguesa, sendo gravada por sucessivas gerações de intérpretes, como exemplificam as cantoras Dulce Pontes, Rita Guerra e Mariza, além do registro em MP-4 pela banda Amor Electro. No Brasil, a versão mais conhecida é a gravada por Ney Matogrosso.

eram tolhidos não apenas seus direitos, mas a própria humanidade, invariavelmente condicionada à anulação da individualidade e àquilo que o outro queria que ela fosse.

O sistema de pensamento ocidental do século XIX reverberou discursos médicos, institucionais, legislativos por meio de instrumentos como a imprensa e a literatura, que produziam noções hierarquizadas a partir de dualidades, delimitando territórios de significações: cultura e ignorância, civilização e selvageria, progresso e atraso, humano e bárbaro. Assim, a imagem da mulher negra aparece neste jogo político em oposição à mulher branca pela negação, ou seja, estava destituída dos papéis sociais de jovem imaculada, esposa e mãe, em contrapartida era hipersexualizada, porque seu corpo negro era posse do homem branco. Segundo Maria Helena Machado (2018, p. 338), um dos grandes “problemas que as escravizadas enfrentavam era o estupro”, porque eram “vistas como portadoras de uma sensualidade exagerada ou como mulheres passivas”.

Contraditoriamente, cabia a estas mulheres os cuidados com as crianças brancas, os quais começavam na fase de amamentação e podiam se prolongar à vida adulta, particularmente das moças. Ao mesmo tempo, segundo Maria Helena Machado, a sua maternidade cumpria o “papel de dupla produtora de riqueza”, transformando seu corpo no “próprio locus da escravidão” (2018, p. 337), pois estava obrigada a executar suas tarefas e o filho que paria se tornava patrimônio do senhor. Nesse modelo de sociedade, a representação da maternidade não se aproximava da mulher de origem africana, sendo recorrentes as descrições que as retratam como negligentes em relação aos próprios filhos, em oposição, à sinhá, filha da casa grande, de família cristã.

Conceitos arraigados durante séculos, tornaram-se dogmas que ainda encontram eco na atualidade por causa de espaços limitados dentro das agências que abarcam discussões feministas, sobretudo, no que diz respeito à mulher negra, que muitas vezes ainda ocupa a imagem do outro, um lugar fora do centro, marginalizado. Como escreve María Lugones (2014, p. 935):

A modernidade organiza o mundo antologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis. A crítica contemporânea ao universalismo feminista feita por mulheres de cor e do terceiro mundo centra-se na reivindicação de que a intersecção entre raça, classe, sexualidade e gênero vai além das categorias da modernidade. Se mulher e negro são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença.

No Brasil, a visão sobre a mulher seguia o pensamento eurocêntrico, ganhando contornos distintos hierarquizados pela cor da pele, que colocava não apenas as afrodescendentes em uma condição de profunda disparidade social, mas, incluía também homens negros. Nesse sentido, a escravização pode ser vista como uma sobreposição de perversidades por conta dos mecanismos criados para reproduzi-las permanentemente e de maneiras diversificadas, pois a destituição de qualquer direito aos escravizados era reforçada pela construção de uma imagem depreciativa. Embora encontrassem pontos de contato no que diz respeito ao desmerecimento material e social, o lado moral sempre foi muito mais sensível para o corpo feminino negro, por todo o conjunto de violência, exploração e humilhação a que era submetido. Essas condições marcaram a construção do imaginário coletivo a respeito da mulher negra, determinando um lugar de inferioridade e invisibilidade na esfera social, o que delimitava ações e negava direitos.

Os movimentos feministas, principalmente a partir da década de 1970, se constituem como espaços para discussões das diferenças demarcadas em corpos de mulheres negras<sup>3</sup>. A importância desses estudos revela produtos e processos pelos quais os discursos procuravam normatizá-los, institucionalizando, produzindo corpos, sobretudo femininos, que apareciam cunhados por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações sexualmente diferenciadas em função da lógica binária de gênero e etnia. Com o tempo, estas perspectivas transcenderam teorias voltadas somente para as ciências da natureza e chegaram ao campo dos estudos artísticos, sociais e culturais.

O poder, operacionalizado por meio da inferiorização, da objetificação, naturaliza o discurso de violência, direta ou indiretamente. Sendo assim, é importante notar que as marcas deixadas nas mulheres negras escravizadas revelam o próprio ordenamento de uma estrutura social, constituído quase sempre pela supremacia do sujeito europeu: masculino, proprietário, livre, branco. Por isso, a importância de

---

<sup>3</sup> Segundo Cidinha da Silva (2018), deve-se reconhecer os lugares do fazer político das mulheres negras organizadas anteriormente ao território da política na web. Ações transformadoras são realizadas há décadas por meio de debates, políticas sólidas nas áreas de educação, saúde e cultura. Por isso, os estudos feministas acerca de mulheres negras não devem se pautar somente em perspectivas novas, mas devem reconhecer nomes que trouxeram conhecimento que potencializaram voos mais seguros. A pesquisadora cita Lélia Gonzalez, intelectual mineira, que ao final da década de 1970 já articulava questões ligadas à opressão “de gênero, raça e classe, alertava sobre a interseccionalidade (sem usar a expressão) das violências sofridas por nós. Fazia isso enquanto Patricia Hill Collins escrevia as reflexões que viriam a substantivar o trabalho de ativistas e pesquisadoras negras no Brasil e na América Latina” (SILVA, 2018, p. 254).

propor releituras de textos que descrevem as experiências da escravidão, uma vez que aportes teóricos recentes criam perspectivas pelas quais eles se revelam como fontes ainda promissoras para a busca de entendimento destas relações desmedidas de poder. Para Selma Vital (2012), as novas leituras questionam os preconceitos – dos leitores e da crítica especializada – que por muito tempo construíram a formação de um padrão de interpretação racializado, que sobreviveu à passagem do tempo. Estes estudos, preocupam-se em rever imagens cunhadas a partir das críticas e das interpretações de textos literários, sobretudo para aumentar as possibilidades de leitura de nomes reconhecidos como do “autor-matriz da história da literatura brasileira” (VITAL, 2012, p. 11), Machado de Assis.

A mulher negra em sua composição histórico-social encontrou imposições e limitações para sua ação e representação na sociedade. Neste sentido, ao reler obras que entendam o jogo por trás das desigualdades políticas, solidifica-se a percepção de que a literatura é fonte de saber perene e deve ser encarada como agente na construção intelectual do ser humano. No que se refere à sociedade brasileira do século XIX, o poder político concentrava-se nas mãos dos proprietários de terra e nesse grupo constituído por pequena parcela da população havia o predomínio dos plantadores de café do Vale do Paraíba, em cujas fazendas trabalhavam os maiores contingentes de escravos. Os cafeicultores foram fiadores da monarquia e responsáveis pelo prolongamento da escravização, fato que explica a farta distribuição do título de barão a eles: “D. Pedro II se utilizou com mais frequência desse instrumento, mediando sua relação com os proprietários”, desse modo “o baronato virou sinônimo e marca distintiva dos grandes cafeicultores do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas” (SCHWARCZ, 2017, p. 193).

Em consequência, a população da cidade do Rio de Janeiro era composta por elevado percentual de negros e como todo trabalho era executado por escravos, havia quem os alugava, quem ganhava com os diversos ofícios que eles exerciam, razão pela qual as mulheres negras eram bastante requisitadas. De acordo com Marcus J. M. de Carvalho, “os trabalhadores especializados, inclusive as mulheres, costumavam valer mais do que os da roça, pois eram muito rentáveis” (2018, p. 158). Uma das formas de um proprietário auferir renda com suas escravas era alugá-las para amamentar crianças de outras famílias brancas. A violação do corpo das negras ilustra a sobreposição de perversidades imposta pela escravização e contribui para a compreensão do papel atribuído à mãe negra, aumentando a pungência dos versos

citados como epígrafe. Com relação a Machado de Assis, a persistência em um projeto literário arquitetado cuidadosamente permite a análise de obras machadianas consideradas de menor relevância e, por consequência, reflexões e questionamentos que estabelecem relações com a resistência frente à escravização, bem como proporciona novas formas de interpretação de um momento marcante de nosso passado.

### **Sabina, mulher negra e a escolha de ser mãe**

No século XIX, os artistas brasileiros que estavam inseridos no contexto do Romantismo buscavam uma linguagem que expressasse a identidade da nova nação, um tema também tratado por Machado de Assis<sup>4</sup>. Se por um lado, a criação das identidades nacionais, a partir de 1800, na Europa, configurava uma “mutação radical das representações” (THIESSE, 2000, p. 07) lançando um sistema de identidades coletivas completamente novo, no Brasil, a influência do movimento de independência, de 1822, trouxe desdobramentos na frequente tentativa de ruptura com os elos políticos e culturais com a metrópole portuguesa.

Na esteira destes pensamentos, o botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius ficou conhecido não apenas por seu trabalho de pesquisa, mas sobretudo como vencedor do concurso para a escrita da história do Brasil pelo IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). O texto de Von Martius, *Como escrever a história do Brasil* (1845), propunha uma historiografia a partir das três raças: branco, índio e negro. O pesquisador estabeleceu uma maneira singular de dar à nacionalidade brasileira uma gênese baseada na miscigenação, creditando somente ao branco toda a responsabilidade pelo nascimento desta nova nação: “que o português se apresenta como o mais poderoso e essencial motor” (MARTIUS, 1845, p. 382) e atribuindo um papel proeminente na metáfora simbólica ao sangue português: “o sangue português em um poderoso rio deverá absorver os pequenos confluente das raças índia e etiópica” (MARTIUS, 1845, p. 383).

Neste contexto, os povos indígenas foram forjados como elementos secundários desta miscigenação, já que eram os únicos capazes de trazer elementos que representariam a nacionalidade, baseada na cor local e no jogo político e social

---

<sup>4</sup> Machado de Assis trata da linguagem literária de seu tempo em textos críticos como “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, publicado pelo jornal *O Novo Mundo*, em 1873, e “A nova geração”, divulgado em 1879, pela *Revista Brasileira*, por exemplo.

que foi se acentuando durante o XIX. A junção entre o branco moldado com valores morais elevados e o indígena idealizado trazia vantagens às elites sociais, fazendo com que o último deixasse o lugar de coadjuvante incivilizável para preencher o espaço necessário para a formação de uma nova identidade, orgulhosamente nacional, ao mesmo tempo em que apagava com veemência qualquer vestígio de contato com os povos de origem africana. Além disso, com a aproximação entre brancos e autóctones, a violência perpetrada pelo europeu em nome da posse da terra, bem como, a resistência ainda em efetivação no Brasil eram escamoteadas. Com isso, no esforço de levar a cabo a ideia de nacionalidade, surgem obras literárias em que a imagem da figura indígena ganha evidência, tendo à frente nomes como Gonçalves Dias e José de Alencar.

Dividido em duas partes, *Primeiros cantos* (1846), de Gonçalves Dias, tem a seção inicial constituída por seis composições sob o nome de “Poesias americanas”, corroborando com a literatura indianista no Brasil, enquanto José de Alencar participa da inauguração da cultura nacional com seus romances indianistas: *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Nessa trilogia do cearense é em *Iracema*, um “poema em prosa”<sup>5</sup>, que a ideia de miscigenação baseada nas efusivas teorias científicas, em meio à natureza exuberante, se evidencia: uma genealogia do povo brasileiro concebida pela paixão da virginal indígena pelo conquistador branco. A criança, que nasce da união proibida não fica com sua mãe, pois esta morre tragicamente após dar à luz ao seu filho. Com sua morte, o filho é levado até o homem branco, que sela seu futuro junto à civilização.

“Sabina”, de Machado de Assis, é um poema narrativo incluído em *Americanas*, de 1875. A publicação pertence ao período que se convencionou como a primeira fase da trajetória do autor, na qual notadamente se verificam influências românticas, a começar pela temática indianista, presente em alguns poemas, como em “Potira” e naquele que dá nome a publicação: “Americanas”, uma alusão à obra de Gonçalves Dias. Entretanto, Machado não vai fundo na causa nacional pelo viés indianista, o que é compreensível diante de seu pouco entusiasmo pela rigidez de padrões, as doutrinas absolutas que empobrecem a literatura, como afirma em artigo publicado dois anos antes da aparição do livro de poesias. Em “Notícia da atual literatura brasileira, instinto de nacionalidade”, demonstrando outra das suas habilidades no campo das letras, a

---

<sup>5</sup> Como qualificou o próprio Machado de Assis (1994a) em *José de Alencar: Iracema*, crítica publicada originalmente na *Semana Literária*, seção do Diário do Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1866.

crítica, Machado traça um panorama da literatura brasileira e propõe soluções para problema existencial de seus colegas em torno da nacionalidade<sup>6</sup>, afirmando que “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1998). Especificamente na composição de “Sabina”, nota-se um ponto de contato com o mito da criação da nação brasileira, no entanto, no lugar do elemento indígena, Machado apresenta a mulher negra.

A virgem dos lábios de mel, personagem título de Alencar, na pena de Machado é substituída pela donzela-sabina<sup>7</sup>, que em comum mantém além da imagem virginal, a paixão pelo homem branco e o fruto da relação. Outras marcas de contato também são visíveis, como a maneira que é narrado o primeiro encontro entre as protagonistas e os brancos prontos para o contato sexual com os corpos femininos desnudos. Neste sentido, Machado não persiste no estereótipo da mulata<sup>8</sup>, mas desde o início do poema, sua primeira preocupação em descrever Sabina é equalizar sua beleza e preocupações pertinentes a de outras moças da mesma idade. Assis (1994c, p. 43):

Sabina era mucama da fazenda;  
Vinte anos tinha; e na província toda  
Não havia mestiça mais à moda,  
Com suas roupas de cambraia e renda.  
Cativa, não entrava na senzala,  
Nem tinha mãos para trabalho rude;  
Desbrochava-lhe a sua juventude  
Entre carinhos e afeições de sala.

Por um lado, ao valorizar a beleza da jovem mulher, sem apagar sua origem e condição social, o poeta abre espaço, não apenas para superar um estereótipo

---

<sup>6</sup> Machado de Assis revela sua preocupação com problemas críticos-teóricos também por meio de sua ficção. No artigo “Machado de Assis: ‘certo instinto de nacionalidade’”, tomando por referência Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro, Marta de Senna afirma “que na narrativa machadiana se revela ‘certo instinto de nacionalidade’ – que entendo como uma peculiar compreensão do que seja o nacional –, que transcende a cor local; e que ele é capaz de fazê-lo para além e para fora dos parâmetros realista-naturalistas que dominaram a ficção internacional na segunda metade do século XIX”. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB Escritos\\_3\\_5\\_Marta de Senna.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_5_Marta%20de%20Senna.pdf). Acesso em: 01 de setembro de 2020.

<sup>7</sup> O nome Sabina é de origem latina, e designa um arbusto (*Juniperus sabina*) da família das cupressáceas, nativo da Europa e do oeste da Ásia, de folhas verde-escuras e pseudofrutos ligeiramente globulosos, conforme consta em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/como-consultar/etimologia/>. Sabina também era o nome da mãe de Zumbi dos Palmares, o principal líder e guerreiro do Quilombo dos Palmares e filha de Aquatune, princesa do Congo que foi trazida em situação de escrava para o Brasil.

<sup>8</sup> Eduardo de Assis Duarte (2013, p. 132) comenta que: “Machado deixa visível o respeito que pauta sua representação da mulher subalterna, seja ela escrava ou agregada, a ponto de praticamente refutar o signo mulata, sabedor que era do velho estereótipo que marcava a identidade de suas vítimas como ferro em brasa: ‘branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar’”.



comum à literatura da época, mas para um tratamento que dignifica, pois equipara suas atribuições físicas às comumente associadas somente a mulheres brancas. Por outro, quando se atenta para a condição do escravizado como componente patrimonial, observa-se que Machado aponta para algo fundamental, porque a beleza e o tom da cor da pele constavam entre os critérios de precificação. Carvalho (2018, p. 158-159) afirma que:

Diferentemente do que ocorria no campo, outros atributos, além da robustez, incidiam sobre o preço deles na, nas cidades. A beleza física, a clareza da pele, uma criação 'recolhida' (ou seja, recolhida), entravam na composição do preço das cativas domésticas.

Ao valorizar a beleza da jovem mulher, sem apagar sua origem e condição social, o poeta abre espaço, não apenas para superar um estereótipo comum à literatura da época, mas para um tratamento que equipara suas atribuições físicas às comumente associadas somente a mulheres brancas. Para tanto, o escritor acaba utilizando dos mesmos procedimentos perpetuados no período romântico de cunho eurocêntrico: uma mulher idealizada, de beleza talhada a partir de aspectos como a virgindade, a fidelidade, a maternidade, retratando a relação patriarcal, na qual a mulher depositava toda sua perspectiva de vida no casamento. Sendo submissa a esse modelo social, até mesmo pelo fato de não ter expectativas melhores, a mulher estava condicionada a se portar sempre de forma gentil e obediente.

No entanto, apesar de Sabina atingir sua visibilidade à custa de certa perda identitária, já que é nobre à maneira dos brancos, Machado defende o caráter de Sabina e lhe confere condição de sujeito de seu destino. Mesmo quando desejada por um “hóspede que ali passado havia”, a personagem possui seus próprios anseios e sonhos e é construída, como lembra Eduardo de Assis Duarte (2007, p. 256), “sujeito desejante e não apenas objeto passivo do desejo alheio”. Assis (1994c, p. 43):

Mas que vale uma joia no pescoço?  
Não pôde haver o coração da bela.  
Se alguém lhe acende os olhos de gazela,  
É pessoa maior: é o senhor moço.  
[...]  
De cativa que amou silenciosa,  
E que ama e vê o objeto de seus sonhos,  
Ali com ela, a suspirar por ela.

A mulher branca representada na literatura romântica ganhou ainda, uma caracterização próxima aos elementos que evidenciavam a cor local, fazendo com que seus atributos físicos fossem imediatamente ligados a aspectos como beleza<sup>9</sup> e pureza. Assim, ao coadunar a personagem com características peculiares a cor local, Machado estabelece um ponto de contato humanizador, já que a afasta da imagem da mulher associada somente a contextos como serviços domésticos, negação de direitos, prostituição e coisificação. Para tanto, utiliza adjetivos que vão descrevendo a postura feminina negra junto à este modelo socialmente aceito. Assis (1994c, p. 44):

Talvez, se a cor de seus quebrados olhos  
Imitasse a do céu; se a tez morena,  
Morena como a esposa dos Cantares,  
Alva tivesse; e raios de ouro fossem  
Os cabelos da cor da noite escura,  
Que ali soltos e úmidos lhe caem,  
Como um véu sobre o colo [...].  
A virgem  
Com os ligeiros braços rompe as águas,  
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,  
Talhado pela mão da natureza  
Sobre o modelo clássico [...].  
E aquela fada ali, tão doce vida.

Por outro lado, apesar de sua visibilidade, a condição de Sabrina como escravizada é reiterada sucessivas vezes, como em “Cativa, não entrava na senzala”, “De cativa que amou silenciosa” e na ambiguidade de:

Fez-te cativa o berço; a lei somente  
Os grilhões te lançou; no livre peito  
De teus senhores tens a liberdade,  
A melhor liberdade, o puro afeto  
Que te elegeu entre as demais cativas,

A seu modo, Machado escancara de forma irônica o limite intransponível para Sabina, nasceu escravizada, porque “a lei somente” assim determinou, mas é livre pelo “puro afeto” que recebe por ser uma “eleita”, ou seja, há uma compensação

---

<sup>9</sup>Fica evidente esta afirmação com a descrição que José de Alencar faz de Ceci, em *O Guarani*: “Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas. Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor de gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez, alva e pura como um floco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor de rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo em linhas suaves e delicadas” (ALENCAR, 1952, p. 26).

própria do cristianismo, com a diferença que para esse padecimento não se vislumbra qualquer perspectiva de redenção. Do mesmo modo, o autor expõe a crueldade do escravagismo, porque Sabina encontra a “melhor liberdade” no “peito” de seus senhores, portanto é desnecessário que disponha do próprio destino. Por seu lado, o homem branco está irremediavelmente preso aos princípios legais: escraviza por força de uma lei à qual atribui caráter compulsório e irrevogável e diante dela nem outra, cara ao dono para reivindicar seu direito à posse do negro, pode ser invocado. A objetificação de Sabina minimiza, para não dizer impossibilita, qualquer questionamento ao princípio do livre arbítrio que dá ao proprietário o direito de dispor de seus bens da maneira que julgar melhor, portanto, bastava apenas a vontade do senhor para a libertação da mucama.

Eram muitos os ofícios executados por mulheres negras. Segundo Del Priore (2007, p. 144), “A presença feminina foi sempre destacada no exercício de pequenos comércios em vilas e cidades do Brasil colonial”, não se restringindo somente aos trabalhos nas fazendas ou na casa grande. Contudo, Sabina era mucama e exercia uma função voltada aos serviços na casa da família escravocrata. Para ser mucama, geralmente eram escolhidas desde bem jovens aquelas com melhor aparência, para servir e acompanhar pessoas da família. Bem conhecidas pela intimidade que desfrutavam junto à casa grande, muitas vezes eram vestidas luxuosamente, sendo isso uma distinção para os senhores: “Os cativos acompanhavam as sinhás e senhoras à missa, procissões e festividades. Seus trajes e adereços refletiam a posição social dos proprietários” (CARVALHO, 2018, p. 158). Com relação às mulheres negras, as responsáveis pelos trabalhos da casa, em particular a mucamas, tinham maior intimidade com a família senhorial e podia frequentar os espaços mais privados.

Por este motivo, eram consideradas as que mais se beneficiavam com seu ofício, o que as deixava com uma espécie de gratidão perene, que exigia como contrapartida honestidade e extrema devoção à família que a detinha, pois ela deveria “parecer-se o quanto possível com o grupo no qual ela iria ser inserida. Esse era o preço a ser pago para usar vestidos custosos, adornos de luxo, e desfrutar intimidade doméstica de seus senhores” (SILVA, 2011, p. 232). Uma ideia que ampliava a abrangência dos poderes da classe dominante, se tornando algo intrínseco à ideologia paternalista, até mesmo sendo assegurada por lei: “A lei previa a revogação da alforria

concedida a escravos, caso estes comprovadamente demonstrassem ingratidão com relação a seus antigos senhores” (VITAL, 2012, p. 72).

A mulher branca desempenhava um papel social limitado, mas importante para o jogo de interesses do patriarcalismo escravagista, porque servia como moeda de troca por meio do casamento para os acordos políticos e econômicos, a mucama jamais se livrava da condição de escravizada. Em regra, desfrutava de concessões que outras negras que executavam os demais serviços da casa não recebiam, inclusive aprendiam a ler<sup>10</sup>, algo considerado desnecessário para muitas famílias brancas, mas continuavam sendo objeto de depravação, capricho e perpetuação patriarcal, coisificada como deleite dos desejos sexuais de seus senhores. A proximidade com os brancos e a permissão para circular livremente pela casa, por vezes, facilitava a violência sexual. As relações descompromissadas que não eram efetivadas com moças das famílias brancas eram socialmente aceitas à custa do abuso sexual contra a mulher negra, pois sendo um bem patrimonial do senhor, o corpo negro tornava-se seu objeto, tanto por perversão quanto por castigo. As “escravas domésticas eram assaltadas dentro da casa, engravidavam e tinham que criar os filhos; não apenas compartilhando espaço com o homem que delas abusava, como sofrendo – com as crianças – as consequências disso” (MACHADO, 2018, p. 338).

Ao dar a voz a Otávio para proferir seu canto conquistador, Machado dissimula seu posicionamento, um artifício narrativo, como lembra Duarte (2007, p. 255): “dando ao homem branco, para que ele mesmo se exponha e torne explícita a insensibilidade e o descaso com que trata os afrodescendentes”. A ironia legitimada socialmente de que a mucama, a escolhida entre as demais cativas, tem afeto, já se configurava como a própria liberdade. Assis (1994c, p. 45):

Flor da roça nascida ao pé do rio,  
Otávio começou — talvez mais bela  
Que essas belezas cultas da cidade,  
Tão cobertas de joias e de sedas,  
Oh! não me negues teu suave aroma!  
[...]  
E de afagos te cobre! Flor do mato,  
Mais viçosa do que essas outras flores  
Nas estufas criadas e nas salas,

---

<sup>10</sup> Machado de Assis representa essa situação por intermédio de Mariana, protagonista do conto homônimo de Machado de Assis, publicado no *Jornal das Famílias*, em 1871, que aprendeu a ler, escrever e francês com as filhas da casa.

Rosa agreste nascida ao pé do rio,  
Oh! não me negues teu suave aroma!

Ao não representar a mulher negra como sedutora ou passiva, libidinosa ou corrupta, como em outros textos literários de seu tempo<sup>11</sup>, Machado inscreve em seu projeto literário “dramas que se referem a mulheres tratadas como objetos sexuais que, no entanto, ascendem à condição de sujeito de suas vidas” (DUARTE, 2007, p. 257). Como de costume, escritor problematiza a situação vivida por Sabina e Otávio, pois enquanto ela nada distraidamente “Tão livre como quem de estranhos olhos/Não suspeita a cobiça”, o rapaz mostra-se incapaz de controlar seu desejo: “Não pode/Furtar-se Otávio à comoção que o toma;/A clavina que a esquerda mal sustenta/No chão lhe cai”. Com isso, traz à superfície a marca profunda da escravidão e a tentativa da elite que se esforçava para apagá-la da história: “Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia” (ASSIS, 1994b, p. 24).

Enquanto os precursores do romantismo nacional fizeram do indígena o principal assunto, e mais que isso “um herói”, como lembra Nelson Werneck Sodré (1995, p. 264), o negro foi legado ao esquecimento intencional. Na sociedade escravista, a figura indígena correspondia “ao quadro das relações sociais dominantes” (SODRÉ, 1995, p. 267), ao passo que evidenciar a figura do negro, seria negar o quadro destas relações. E mesmo com as estéticas literárias seguintes pertencentes ao XIX, “o modelo literário se solidificou não como simples espelho da sociedade, mas como instrumento que contribuiu para perpetuar a discriminação e os estereótipos historicamente construídos” (VITAL, 2012, p. 80). A posição ocupada

---

<sup>11</sup> Sidney Chalhoub (2007, p. 100) relata que: “Foi preciso debater também a metáfora da árvore. Ao pensar sobre escravidão, políticos e literatos falavam frequentemente em raízes, flores e frutos para defender visões as mais diversas sobre o assunto. Joaquim Manoel de Macedo, por exemplo, refere-se a Lucinda e ao pajem do pai de Cândida como frutos da “árvore da escravidão”, para dizer que não havia outra coisa que não devassidão e perversidade a esperar de semelhante espécie”. Nota-se que esta visão é recorrente desde as bases do romantismo: Em *O Guarani*, no capítulo “Loura e Morena” ao apresentar Isabel, filha bastarda de Dom Antônio de Mariz, e portanto, irmã de Ceci, José de Alencar (1952, p. 28) a descreve como um “tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade. Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível”. Selma Vital (2012) assevera que escritores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio de Azevedo, Coelho Neto e até Lima Barreto, contribuíram em diferentes graus para reforçar os estereótipos da mulata brasileira.

pelos indivíduos de origem africana na literatura era aquela imposta pelo papel que ocupavam enquanto força de trabalho (SODRÉ, 1995, p. 268):

O negro não podia ser tomado como assunto, e muito menos como herói, não porque, segundo escreveu um estudioso moderno, refletindo a ideia generalizada de sua classe, fosse submisso, passivo, conformado, em vez de altivo, corajoso, orgulhoso, dado que não podia ser senão assim, submetido que estava ao regime de escravidão – mas porque representava a última camada social, aquela que só podia oferecer o trabalho e para isso era até compelida. Numa sociedade escravocrata, honrar o negro, valorizar o negro, teria representado uma heresia. Não chegaria a ocorrer aos escritores do tempo, oriundos da classe dominante, e nem teria tido o romantismo, posto nesses termos, afinidade alguma com o mundo dos leitores, também recrutado naquela classe.

A última camada social representada pelos povos negros, ainda se dividia para que a mulher negra ocupasse um não lugar. Ignorada no espaço público e destinada à servidão e obediência, mesmo no espaço privado, o silêncio e a invisibilidade faziam parte da ordem social. No poema narrativo de Machado, Sabina reconhece este não lugar a que é submetida, pois não há voz quando vê o amado com a esposa. Mesmo em face ao tratamento com certos privilégios que mucama pudesse receber, ela nunca poderia ser elevada ao patamar de igualdade com a mulher branca. Apesar desta percepção de impotência, sua subjetividade se manifesta com a negação do que era socialmente imposto, por isso, a protagonista foge visando o suicídio<sup>12</sup>. Assis (1994c, p. 47):

Oh! longa foi, longa e ruidosa a festa  
Da fazenda, por onde alegre entrara  
O moço Otávio conduzindo a esposa.  
Viu-os chegar Sabina, os olhos secos,  
Atônita e pasmada. Breve o instante  
Da vista foi. Rápido foge. A noite  
A seu trêmulo pé não tolhe a marcha;  
Voa, não corre, ao malfadado rio,  
Onde a voz escutou do amado moço.  
Ali chegando: “Morrerá comigo.  
O fruto de meu seio; a luz da terra  
Seus olhos não verão; nem ar da vida  
Há de aspirar...”

Desta maneira, colocar Machado em um lugar de absenteísmo é não compreender o projeto a que ele submete sua escrita. O autor articulava maneiras, a partir de seu fazer artístico, de denunciar desumanidades. Octávio Ianni (1988)

---

<sup>12</sup> Neste sentido, Sabina assemelha-se a Mariana, escrita quatro anos antes. Selma Vital (2012) lembra quando Mariana opta pelo suicídio, Machado garante a personagem o direito à subjetividade em contraste à objetificação, afirmando assim, sua humanidade.

considera de suma importância o resgate de autores pela literatura negra, pois é possível repensá-los, sob novas dimensões e os redimensionar dentro da literatura brasileira. O pesquisador lembra que o ceticismo de Machado lhe permitia visualizar o escravo e o livre no contexto da miséria social inerente à sociedade: a libertação do escravo apenas como um bom negócio para o branco e o caminho da miséria para o preto. Machado abre em grande estilo a visão paródica do mundo burguês, a partir da perspectiva dos setores subalternos, às avessas.

No verso final, Machado arremata a proposta de miscigenação da negra com o branco, a partir do olhar arrevesado, de baixo para cima. Quando se enxerga só e pensa em se matar, “vence o instinto de mãe” e como assevera Duarte (2009, p. 14): “o chamado do “ventre livre”, em que pulsa o sangue da mãe e do filho, a faz recuar. A escrava de Machado cumpre o destino histórico da mucama e irá povoar a casa grande com mais um bastardo mestiço”. Assis (1994c, p. 47):

la a cair nas águas,  
Quando súbito horror lhe toma o corpo;  
Gelado o sangue e trêmula recua,  
Vacila e tomba sobre a relva. A morte  
Em vão a chama e lhe fascina a vista;  
Vence o instinto de mãe. Erma e calada  
Ali ficou. Viu-a jazer a lua  
Largo espaço da noite ao pé das águas,  
E ouviu-lhe o vento os trêmulos suspiros;  
Nenhum deles, contudo, o disse à aurora.

O drama de Sabina no ambiente da casa grande, é metáfora política. Na escravidão brasileira vigia “O mais importante princípio legitimador da escravidão nas diferentes sociedades escravistas atlânticas [...] o do *partus sequitur ventrem*, significando que o/a filho/a segue a condição jurídica da mãe” (MACHADO, 2018, p. 336).

Nesse sentido, o instinto materno da escrava foi tema de muitos debates por ocasião da passagem da Lei do Ventre Livre de 1871. Em aparente contradição ideológica, proprietários de escravos e defensores do sistema escravista aludiam a este sentimento na tentativa de impedir a premissa da lei que garantia liberdade aos filhos nascidos a partir de sua promulgação. A aprovação da referida lei trouxe incômodos à classe senhorial, porém isso não significa que amenizou a situação de escravizados, porque para conquista a liberdade precisavam enfrentar todo um aparato jurídico construído para mantê-los na servilidade. Sem contar que os negros

e as negras estavam sujeitos a uma brutalidade nem sempre lembrada, a dependência moral e material do senhor, que criava uma relação que não podia ser rompida mesmo quando alcançava a liberdade, como afirma Chalhoub (2011). Essa constatação remete ao que se mencionou em parágrafo anterior a respeito da ironia de Machado de Assis no tocante ao arbítrio do dono diante dos escravizados, porque o afeto que a família sente por Sabina se sobrepõe à própria lei, portanto basta. A situação mostra a “ideologia da relação entre senhores e escravos como caracterizada por paternalismo, dependência e subordinação” (CHALHOUB, 2011, p. 169).

Vital (2012) afirma que convenientemente, os porta-vozes da escravidão finalmente reconheciam a subjetividade da escrava, ainda que em muitos casos apenas a comparassem a animais, os quais instintivamente tendem a proteger suas crias. A questão do cuidado que os escravagistas deveriam ter com o ingênuo, filho de mãe escrava, entrava em debate constante, conforme afirma Chalhoub (2007, p. 101):

O projeto enviado pelo governo e apoiado pela comissão da Câmara dos Deputados determinava que os filhos de mulher escrava nascidos livres em virtude da lei ficariam “em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães”. Os senhores teriam a obrigação de “criá-los e tratá-los” até a idade de oito anos completos; atingida essa idade, os proprietários das mães poderiam optar entre entregá-los prontamente ao Estado mediante a indenização de 600 mil-réis em títulos de renda ou utilizar-se dos serviços dos menores até que eles completassem 21 anos. A comissão esclarecia que a indenização em títulos ou serviços referia-se ao ressarcimento devido ao senhor pelas despesas de criação dos menores — ou seja, os proprietários não estavam sendo indenizados pelos frutos ou filhos das escravas, pois, como já visto, contestava-se o direito de propriedade sobre essas crianças.

A humanidade inteira rejeitava a instituição servil, pois era uma inimiga de tudo o que se entendia como civilização. O Brasil imperial oferecia ao mundo o curioso espetáculo de um país no qual todos condenavam a escravidão, no entanto, poucos asseguravam ações para viver sem ela. O medo de se entender responsável pelo que até então, era de sua propriedade, sem falar nas perdas dos lucros, trazia insegurança aos senhores de engenho e fazendeiros. Neste contexto, a escrita machadiana questiona, como escreve Vital (2012, p. 79), a noção natural:

À medida que seus personagens sofrem diante de uma realidade arbitrária, apresentada como imutável e por outro lado rompem com a expectativa da narrativa romântica, oferecendo em contrapartida o predomínio de uma lógica, essa, sim, natural.



Ao escolher ter seu filho, Sabina contrapõe a lógica patriarcal de escravas inférteis, de ausência de vínculo familiar entre escravos, de mães escravas que não sabem quem são os pais de seus filhos. Mães negras que muitas vezes, para não se submeterem à humilhação de terem se entregado ao seu algoz, ou terem passado pela violência do estupro, em que a culpa recai sobre o corpo provocativo feminino<sup>13</sup>, se calavam diante da realidade. O filho de Sabina e Otávio, fruto da miscigenação não terá o mesmo destino de Moacir, filho de Iracema e Martim, que no plano mítico dá origem a um novo povo, uma nova nação. Apesar de admirador confesso de Alencar, mesmo antes de produzir suas obras mais expressivas, procurava se distanciar das soluções que o cearense encontrava, assim se recusa a vislumbrar um futuro grandioso para a criança que a mucama gestava, por um motivo simples: a impossibilidade devido à estrutura de sustentação do escravagismo que não permitia aos negros nada além de pequenas concessões. Assim, como é recorrente em sua obra nas vezes em que se refere ao regime de escravização, pouco ou nada diz a respeito e no que se refere a Sabina, o fato de virar motivo de zombaria e desprezo dos outros escravos é ilustrativo, porque é colocada em situação de inferioridade diante deles.

O fato de a mucama pensar na morte como solução para seu problema leva a reflexões sobre o a condição de mãe da mulher negra, diante da certeza sobre o destino de seu filho, o que remete a Maria Helena Machado (2018), quando afirma que o suicídio era corriqueiro entre as escravizadas. No que se refere a Sabina, podemos pensar que ao cogitar pôr fim a sua vida, é para chorar por castigos impostos a seu filho, como sugere os versos da canção citada na epígrafe. Por meio da narração machadiana, o filho fruto da miscigenação da negra e do branco não terá lugar, como o destino de muitos de origem mestiça, que como assevera Marli Fantini (2011, p. 158): “tiveram sufocada sua voz e abortada sua cultura, sua formação acadêmica, sua história pessoal e coletiva”. O narrador machadiano desfere “um golpe na mal resolvida cordialidade racial brasileira, compelindo o leitor a assumir a perspectiva dos milhões de seres humanos” que foram submetidos à desumanização.

---

<sup>13</sup> Selma Vital esclarece (2012, p. 81): “O assédio sexual sofrido por escravas que viviam na casa-grande em geral foi interpretado (e justificado) de maneira simplista, quase sempre responsabilizando a excessiva sensualidade da mulata à qual o mestre branco não pôde resistir, sob pena de negar suas prerrogativas masculinas. Mais interessante, ainda que lastimável, é a versão que atribui a miscigenação à capacidade do colonizador português em se cruzar com outras raças”.

## Considerações finais

A obra machadiana reconstitui criticamente a memória do seu tempo. Entretanto, a forma homeopática, dissimulada, acaçapada, com que vai introduzindo a questão étnica e escravista não ficou aparente, e por isso, interpretada em certos momentos como absenteísmo em relação ao sofrimento vivido por sua própria origem afrodescendente. Os debates sobre o alheamento de Machado de Assis diante de determinados assuntos, particularmente no que se refere à escravidão e à cor de sua pele, ressurgiram principalmente a partir de 2018, depois da descoberta de uma foto em que seus traços fenotípicos africanos ficam evidentes. Desde então, sucedem-se os artigos sobre o assunto, entre eles o do português Ferreira Fernandes, publicado em 27 de junho deste ano, pelo jornal *Folha de São Paulo*<sup>14</sup>. A linha de apoio traz a seguinte indagação: “Como se explica que a sua obra pareça fazer vista grossa da libertação dos escravos?”, cujo caráter provocativo é pertinente ao proposto neste estudo.

Em relação ao texto “Sabina”, nota-se a presença de traços do idealismo ingênuo em algumas passagens. No entanto, embora o poema esteja aquém daquilo que o transformou no mais importante escritor brasileiro, é visível a ancoragem em uma inquietação, o que depois se desdobrará em seu projeto de escrita: o de não efetivar os estereótipos recorrentes que desumanizavam o afrodescendente.

Outro aspecto a ser considerado é que a obra veio a público no período em que espocavam clubes republicanos em todos os cantos do país e as reivindicações abolicionistas de seus criadores ecoavam o tom grandiloquente de Castro Alves. Machado produz então, um texto em que a condição social e humana emerge de forma explícita. Assim, em “Sabina”, o autor expõe uma perspectiva que denuncia o cerceamento vivido por uma mulher preta que sofre diante do regime patriarcal. Com isso, na anatomia de seu texto, problematiza os turvos limites entre escravidão e liberdade – “Sabina é mãe; o sangue livre Gira e palpita no cativo seio” (ASSIS, 1994c, p. 46). O sentimento de impotência, abandono e incapacidade são superados pela decisão de ter o filho, mesmo não sabendo ao certo, qual será o futuro da sua criança.

Apesar do autor se valer de alguns procedimentos que aproximam a protagonista à imagem da mulher branca do romantismo europeu, a mãe preta é representada distante do apagamento a que era submetida em muitos textos do

---

<sup>14</sup> O artigo intitula-se “Machado de Assis era negro ou branco, do Fla ou do Flu?”.

mesmo período ou das postulações científicas do século XIX. Observar tais contradições revelam aspectos esteticamente formulados a partir de seu tempo, o que irão evidenciar a riqueza literária de Machado de Assis, e sua tentativa de criar traços humanizadores, abrindo espaço para legitimar a complexidade subjetiva de indivíduo, alocando a mulher e mãe preta como sujeito

## Referências

ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1952.

ASSIS, Machado de. José de Alencar: Iracema. *Obra Completa*, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/116-jose-de-alencar-iracema>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ASSIS, Machado de. Memorial de Aires. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ASSIS, Machado de. Sabina. In: Americanas. *Obra Completa*, vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/25-poesia>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. In: *Obra Completa de Machado de Assis*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BgLnI\\_pU\\_kJ:machado.mec.gov.br/obracompletalista/item/download/95\\_a034209a67594696a9b556534ff73116+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BgLnI_pU_kJ:machado.mec.gov.br/obracompletalista/item/download/95_a034209a67594696a9b556534ff73116+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 05 jun. 2020.

CARVALHO, Marcus J. M. de. Cidades escravas. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. 1. ed. São Paulo, 2018.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. *Revista terra roxa e outras terras*. Universidade Estadual de Londrina, v. 17, n. 1, p. 06-18, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. Resenha de Quase brancos, quase pretos: representação étnico-racial no conto machadiano, de Selma Vital. *Revista Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 130-133, jun. 2013.

FANTINI, Marli. Machado de Assis. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afro-descendência no Brasil*: Antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 143-171.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 28, p. 91-99, 1988.

LUGONES, María in Estudos Feministas. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set/dez. 2014.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Mulher, corpo e maternidade. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. *Dicionário da escravidão e liberdade*: 50 textos críticos. 1. ed. São Paulo, 2018.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Como se Deve Escrever a História do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 24, p. 381-403, jan. 1845. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/revistaihgb/itemlist/filter.html?category=9&moduleId=147>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

PEREIRA, Ana, et al. *Análise semiótica do cartaz*: Deus, pátria e família. Universidade de Algarve, 2011. Disponível em: <[http://w3.ualg.pt/~fcar/portfolio\\_cc/trabalhos%20PDF/An%C3%A1lise%20semi%C3%B3tica%20do%20cartaz%20%C2%ABDeus%20P%C3%A1tria%20Fam%C3%ADlia%20BB.pdf](http://w3.ualg.pt/~fcar/portfolio_cc/trabalhos%20PDF/An%C3%A1lise%20semi%C3%B3tica%20do%20cartaz%20%C2%ABDeus%20P%C3%A1tria%20Fam%C3%ADlia%20BB.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SILVA, Cidinha. Feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 252-260.

SILVA, Maciel Henrique. *Pretas de honra*: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do século XIX (1840-1870). Salvador: EDUFBA, 2011.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

THIESSE, Anne-Marie. *A Criação das Identidades Nacionais*: Europa, séculos XVIII-XX. Tradução: Sandra Silva. Lisboa. Portugal: Editora Temas e Debates, 2000.

VITAL, Selma. *Quase brancos, quase pretos*: Representação étnico-racial no conto machadiano. São Paulo: Intermeios, 2012.

*Recebido em: 14/06/2020*  
*Aprovado em: 26/08/2020*